



Mónica Pereira Lourenço.

MARÇO - MULHERES NA LIDERANÇA

A pesar das profissões da saúde cada vez apresentarem uma maior presença feminina, os cargos de liderança continuam a ser ocupados maioritariamente por homens. Na nossa profissão, 62% são mulheres, mas nunca existiu uma Sra. Bastonária.

Existem crenças demasiado enraizadas e que custam a arrancar de dentro de cada um/uma de nós.

Todos crescemos a ouvir nomes sonantes em várias áreas científicas ou humanistas. Quem foi o melhor poeta? Fernando Pessoa. Quem foi o melhor presidente? Barack Obama. Quem é o melhor desportista? Cristiano Ronaldo. Na área da Medicina Dentária, que nome foi basilar na profissão? Manuel Fontes de Carvalho.

E, sem querer, todos os nomes que me surgem primeiro na cabeça são masculinos.

A falta de mulheres na liderança é um problema complexo e estrutural. É preciso questionar crenças base para entender que a nossa educação e experiência ainda nos condiciona muito.

A World Dental Federation (FDI, na sigla em português) foi fundada em 1900 e, em mais de 120 anos de existência, apenas quatro mulheres foram eleitas presidentes. Atualmente, temos ainda uma senhora na presidência - Ihsane Ben Yahya.

No panorama nacional e do associativismo jovem, ao fim de quatro líderes homens, a Sara Filipe assumiu a presidência da Associação Nacional de Estudantes de Medicina Dentária (ANEMD).

Caminhamos para um futuro mais igual, mas ainda é verdade que as diferenças são muitas e inegáveis.

Eu acredito que um mundo mais justo começa em nossa casa, nas pequenas tarefas.

Segundo um estudo de 2019, apresentado pela Fundação Francisco Manuel dos Santos, as mulheres suportam mais do triplo das tarefas domésticas que o companheiro (74%), enquanto o homem com quem vivem está responsável por 23% dos afazeres. Os casais considerados simétricos, em que ambos partilham igualmente os afazeres da casa, correspondem a 30% dos casos. Não existe cá o “eu sou homem, mas ajudo nas tarefas domésticas”, existe o “eu sou homem e claro que também faço as tarefas de casa”.

Normal que seja complicado para muitas mulheres dedicarem-se a cargos exigentes e de alta responsabilidade e liderança.

A igualdade começa quando damos salários dependentes do mérito, quando educamos as nossas filhas para também serem fortes e os nossos filhos admitindo o direito às fraquezas e vulnerabilidade.

Ser feminista é combater a desigualdade de direitos entre mulheres e homens. Por extensão, é defender a igualdade, em todos os aspetos (social, político, económico), entre homens e mulheres. É defender o direito de a mulher ser o que quiser: médica dentista, presidente, doméstica, ou mesmo homem, se esse for o seu sonho e ambição.

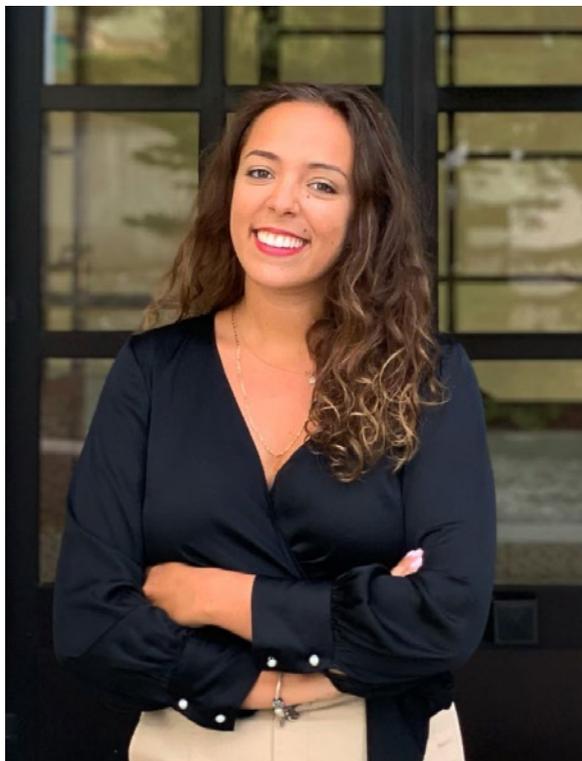
Femismo, um conceito totalmente diferente, implica a superioridade do género feminino sobre o masculino. É considerado o equivalente ao machismo, mas fazendo com que os oprimidos sejam os homens.

Há mulheres que são femistas – infelizmente – e homens que são feministas – felizmente. Se os homens não lutarem, tal como nós pela igualdade, esta torna-se impossível de atingir.

Por isso, quem é feminista levante da mão!

Eu já levantei a minha. Mais! Quero usar palcos que me colocam ao dispor para levantar outras.

Conheçam agora a Sara Filipe, a mulher que lidera atualmente o movimento estudantil nacional de medicina dentária.



Sara Filipe presidente da Associação Nacional de Estudantes de Medicina Dentária.

Como te sentes em ser a primeira presidente mulher da ANEMD?

Ser presidente da ANEMD é imensamente gratificante, mas ser a primeira presidente mulher da Associação Nacional de Estudantes de Medicina Dentária é um enorme orgulho, não tem como não ser. Ainda vivem demasiadas mulheres neste mundo que não podem usar o poder da sua voz por elas próprias e muito menos pelos outros.

São inegáveis ainda as desigualdades de género (mesmo no nosso país), no entanto, tenho consciência da sorte que tenho em viver numa realidade onde muitas das injustiças inerentes ao ser mulher já não são tão transparentes e cruas. Portanto, acho que faz todo o sentido normalizar a atribuição do cargo da presidência a uma mulher e até que estas questões sobre a pertinência da participação da mulher no associativismo deixem de ser necessárias.

Faz todo o sentido estar aqui. Note-se que o número de mulheres estudantes de medicina dentária é maior que o número de homens estudantes de medicina dentária, o que ainda confere mais representatividade ao meu trabalho.

Por isso não há muito a acrescentar para além de confessar uma particular felicidade ao assumir este papel, no entanto, a sensação de gratidão pela oportunidade que o associativismo me deu e pela confiança que me foi depositada não é apenas por ser mulher. Mas porque sendo mulher ou não, considero que o mereço e porque sou e reúno as competências para tal.

Porque achas que há poucas mulheres em cargos de liderança?

Possivelmente decorrente de todo um passado negro inerente a esse tema. A história não se apaga e é contada nos dias de hoje ainda. Não só enquanto partilha de ensinamentos e lições morais, mas porque em muitos cantos do mundo ainda há muitas mulheres que não têm o direito (além de outros) de possuir um cargo de liderança, estando os mesmos reservados para o sexo masculino unicamente. E foram várias as histórias tristes contadas por mulheres que se levantaram, se revoltaram, pediram permissão para falar, lutaram por um lugar e foram silenciadas.

Acredito muito que essas histórias ainda assombrem as vidas de algumas mulheres atualmente, nomeadamente no momento de se chegarem à frente e reclamarem a sua posição. Penso que, embora cada vez mais ténue, ainda exista um medo intrínseco ao passado que culmina num conformismo por parte das próprias mulheres.

Quanto ao resto, a minoria feminina nos cargos de liderança pode ter as mais variadas justificações. Justificações essas que podem incluir limites que as mulheres colocam em si mesmas ou que a própria sociedade eventualmente lhes coloque.

E, quanto a isso, cabe a cada uma de nós definir o peso que isso tem na decisão entre ficar à margem ou assumir a responsabilidade.

O que pode uma mulher acrescentar ao mundo da política? E a uma organização?

A minha resposta a essa questão é curta, mas suficiente.

Uma mulher acrescenta a uma organização, ao mundo da política, ao mundo do associativismo e a todas as faces que o mundo tem, exatamente o mesmo que um homem. ■



**OUÇA O LÍNGUA AFIADA,
O PODCAST DO O JORNALDENTISTRY
SOBRE OS TEMAS ATUAIS
DA MEDICINA DENTÁRIA**